

Matéria-prima pode ter importação maior em 1 ano, diz Ikeda

Brasília — Se persistirem os bons resultados obtidos até agora no controle do balanço de pagamentos, o Governo, dentro de um ano, pode vir a promover uma certa liberalização nas importações de matérias-primas para fazer cair mais acentuadamente a inflação e, a partir de 1983, tentará levar a economia a retomar as taxas de crescimento em torno de 10% obtidas em anos recentes.

O anúncio foi feito pelo chefe da assessoria econômica do Ministério do Planejamento, Akihiro Ikeda, que garante ter boas perspectivas para a situação do balanço de pagamentos. Com efeito, os dados do Banco Central apontam que, para um déficit do balanço de pagamentos de 2 bilhões 125 milhões de dólares no primeiro trimestre de 1980, o saldo negativo em igual período deste ano reduziu-se a 304 milhões 500 mil dólares. Já o ingresso de recursos externos, cuja necessidade, em 1981, se situa próxima aos 14 bilhões de dólares, já atingiu 10 bilhões de dólares no semestre.

ARMA

Explicou Akihiro Ikeda que as restrições às importações têm um certo caráter inflacionário na medida em que o país, com um controle mais rígido sobre as compras externas, deixa de importar vários produtos que, escassos aqui dentro, podem controlar a subida dos preços internamente.

— Importar matérias-primas é um recurso antiinflacionário que ainda não pode ser usado plenamente por causa do déficit no balanço de pagamentos, mas no caso das taxas inflacionárias continuarem renitentes em cair, ou mesmo se decidir optar por fazê-las declinar mais rapidamente, este instrumento será usado, sempre condicionado à persistência de um bom desempenho do balanço de pagamentos — declarou.

A possibilidade de se promover uma certa liberalização nas importações de matérias-primas como mais uma arma antiinflacionária

pode se tornar "perfeitamente factível" daqui a um ano, segundo o chefe da assessoria econômica do Ministério do Planejamento. Se a situação do balanço de pagamentos persistir favorável, já em 1983, pelo que previu, o país poderá voltar a crescer a taxas em redor de 10%, como antes.

O Banco Central atribui a redução no déficit do balanço de pagamentos no trimestre principalmente ao desempenho da conta de comércio, cujo saldo negativo, no mesmo trimestre, caiu a 418 milhões 200 mil dólares, contra 1 bilhão 346 milhões de dólares em idêntico período de 1980.

Nos primeiros cinco meses do ano, em que pese o fraco desempenho do café, por uma queda acentuada nas cotações internacionais, o déficit da balança comercial atingiu 442 milhões de dólares, quando, em igual período do ano passado, atingirá 1 bilhão 847 milhões de dólares.

SEM FORÇA

Vários fatores que causam alguma inflexibilidade e rigidez à queda da inflação fazem com que o declínio de suas taxas, na visão de Akihiro Ikeda, demore mais do que o saneamento das contas do balanço de pagamentos.

— A inflação não tem mais força para subir, mas não podemos nos deixar iludir pelo resultado de um mês, como o de junho, com 4,5%. A tendência de queda é favorável, mas não se pode incorrer na esperança de um declínio muito agudo da inflação — advertiu.

Segundo ele, há que se considerar, neste raciocínio, fatores de rigidez na queda, como pressões, entre outras, provocadas pelo Proálcool, programa de caráter inflacionário; pelo volume de crédito subsidiado, tanto à agricultura quanto às exportações; por medidas como o aumento das alíquotas do IOF (Imposto sobre Operações Financeiras) e o crédito-prêmio do IPI, que retirará um significativo volume de recursos do Tesouro.